

>> entrevista MENDONÇA FILHO

Ministro da Educação diz no programa *CB.Poder* que o exame nacional é um dos mais protegidos do mundo. De acordo com ele, há mecanismos para identificar e rastrear tentativas de fraude. O titular da pasta também comenta sobre abstenções e polêmicas nas provas

“Grau de segurança do Enem é elevado”

Em entrevista ao programa *CB.Poder* — uma parceria entre o *Correio Braziliense* e a *TV Brasília* —, o ministro da Educação, Mendonça Filho, comentou sobre o Enem 2017. Ele garantiu que o exame tem um grau de segurança “muitíssimo elevado”. “Quero tranquilizar a todos, dizer que não tem nenhuma via de investigação que possa contaminar ou prejudicar o atual Enem”, disse em referência à operação da Polícia Federal, deflagrada ontem, que investiga fraudes no exame aplicado em 2016. Os agentes cumpriram 36 mandados no Ceará, no Piauí e na Paraíba. De acordo com as apurações, a quadrilha recebia até R\$ 90 mil por gabarito.

“Você imaginar que, numa prova como essa, se evite qualquer tentativa, eu diria que, humanamente, em qualquer nação, seria impossível, mas o grau de segurança está situado entre os mais elevados de qualquer exame aplicado no mundo”, frisou. Confira o que disse o ministro.

Foi registrado algum caso de fraude no Enem neste ano

ou problemas relacionados à segurança?

Na aplicação do primeiro domingo, nem um fato grave. Fatos pontuais, aluno que saiu antes do horário, fugiu com a prova, surtou.

Não tem investigação sobre fraude mais sofisticada?

Existe uma cooperação muito forte com a Polícia Federal, que trabalha com o banco de dados do Inep. Quero, primeiro, tranquilizar a todos, que não tem nenhuma via de investigação que possa contaminar ou prejudicar o atual Enem.

Este ano, os alunos reclamaram muito do esquema de segurança. Houve exagero?

É um exame com 6,7 milhões de inscritos, 1.700 municípios, 600 mil pessoas trabalhando para viabilizar o Enem, então é uma operação de guerra. A gente tem a cooperação do Exército, das Forças Armadas, da Polícia Federal, da Polícia Rodoviária Federal, de polícias estaduais, bombeiros, uma cooperação dos Correios. É uma estrutura gigantesca, que precisa de uma logística de segu-

rança. Hoje, a gente tem identificação de digital por parte de cada candidato. Pela primeira vez, a prova é nominal, identificada uma a uma. E temos outros mecanismos de segurança que foram incorporados, como o detector de ponto eletrônico, um equipamento novo que está sendo disponibilizado para que a gente possa coibir, em áreas de maior risco, o uso de ponto eletrônico.

A gente pode dizer hoje que a prova é 100% segura?

O Enem tem um grau de segurança muitíssimo elevado. Dá para você identificar e rastrear qualquer tentativa de fraude. A gente procura sempre isolar qualquer mecanismo que possa ser tentado. Você imaginar que, numa prova como essa, se evite qualquer tentativa, eu diria que, humanamente, em qualquer nação, seria impossível, mas o grau de segurança está situado entre os mais elevados de qualquer exame aplicado no mundo.

Neste ano, a abstenção no primeiro dia de provas do Enem foi a maior das últimas oito

edições, com 30,2%. A que se deve esse número tão alto?

Não tem uma explicação única. A abstenção não destoou muito do que aconteceu no ano passado, quando foi um pouco mais de 29% nos dois dias de prova.

O ministério trabalha de alguma forma para reverter isso?

A abstenção é maior em relação àqueles que fazem o exame utilizando o princípio da gratuidade, que leva em conta estudantes de escola pública se a família é de baixa renda. Uma das modificações que nós introduzimos é que todo mundo tem o direito à gratuidade, mas, se você tiver direito à gratuidade em um ano, e no próximo se inscrever novamente, tendo tido a inscrição deferida no exame anterior, tem de comparecer, do contrário, perde o direito à gratuidade.

Deu certo essa mudança de fazer o exame em dois finais de semana?

Funcionou bem. Foi uma experiência muito bem recebida por parte dos candidatos, estu-

dantes mais jovens, sobretudo porque tinha um clima de pressão muito forte. Provas no sábado e no domingo tiram à exaustão o que um jovem pode oferecer.

Não corre o risco de aumentar a abstenção? Pode desestimular após a primeira prova...

É por isso que, oficialmente, não divulgamos o gabarito. Ele só vai ser divulgado depois da realização da segunda prova.

Mas muitos cursinhos fazem isso.

Fazem, mas, de qualquer forma, essa lógica também existia quando se aplicava no sábado e no domingo.

O STF acabou com a possibilidade de zerar redações que desrespeitem os direitos humanos, deixou só a questão acadêmica. Qual é a sua opinião?

É uma polêmica difícil de estabelecer um norte, claro, porque tem dois princípios constitucionais muito fortes. Um é a questão do respeito aos direitos humanos. De outra parte, a liberdade de expressão. A sentença foi proferida, inicialmente, pelo TRF da primei-

ra região, aqui de Brasília, e depois ratificada por uma decisão do STF. Só que isso não elimina algum tipo de punição. A nota pode ter um abatimento de até 20%, que corresponde ao quinto elemento de avaliação da redação.

Vemos alunos do segundo ano do ensino médio que fazem prova e depois tentam entrar em universidade sem concluir o terceiro ano. Como é que o MEC vai trabalhar esse assunto?

A regra do MEC é a legislação, que impõe a conclusão do ensino médio.

Mas muitos recorrem à Justiça.

Aí, é algo que o MEC não tem como interferir. O direito de ir à Justiça e pleitear o reconhecimento. Para pleitear esse deferimento via judicial, você tem que ter a certificação de conclusão do nível médio. Para isso, tem de buscá-la via curso ou programa que possa certificar a conclusão do ensino médio. Não é algo que tão somente se busca na Justiça, mesmo tendo apenas a conclusão do segundo ano.

Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press



É um exame com 6,7 milhões de inscritos, 1.700 municípios, 600 mil pessoas trabalhando para viabilizar o Enem, então é uma operação de guerra"